

HISTÓRIAS DE MULHERES, HISTÓRIAS DA ESCOLA: memórias e experiências docentes em comunidades ribeirinhas

Maria Aldecy Rodrigues de Lima

Cleidson de Jesus Rocha

Mariozan Nunes Ferreira

Resumo

Este artigo discute o protagonismo feminino na constituição da educação escolar em comunidades ribeirinhas do município de Mâncio Lima, no estado do Acre, a partir das memórias e experiências de professoras que atuaram ou atuam em escolas localizadas às margens dos rios Môa e Azul. O objetivo consiste em compreender como as trajetórias de vida dessas mulheres contribuíram para a consolidação do ensino em territórios marcados pelo isolamento geográfico, pelas limitações de acesso às políticas públicas e pelas especificidades socioculturais amazônicas. A pesquisa fundamenta-se em abordagem qualitativa, com objetivos descritivo-explicativos e procedimentos de estudo de campo. Participaram do estudo oito professoras, sendo quatro aposentadas e quatro em exercício. A produção dos dados ocorreu por meio de questionários e entrevistas semiestruturadas, analisados à luz da análise de conteúdo, segundo a perspectiva de Laurence Bardin (2016). Os resultados evidenciam que a docência feminina nas comunidades ribeirinhas ultrapassa os limites da sala de aula, envolvendo práticas de mediação social, fortalecimento de vínculos comunitários e atuação em processos educativos formais e não formais. As narrativas revelam desafios relacionados à formação docente, às condições de trabalho e à mobilidade nos territórios amazônicos, mas também destacam estratégias de resistência, pertencimento e compromisso com a educação. Conclui-se que as professoras ribeirinhas desempenham papel central na construção histórica da escola e na promoção do acesso à educação, constituindo-se como protagonistas de processos educativos e de transformação social nas comunidades onde atuam.

Palavras-chave: mulheres docentes; educação ribeirinha; memórias; protagonismo feminino; Amazônia acreana.

WOMEN'S STORIES, SCHOOL STORIES: memories and teaching experiences in riverside communities

Abstract

This article discusses the female protagonism in the development of school education in riverside communities of the municipality of Mâncio Lima, in the state of Acre, based on the memories and experiences of teachers who worked or currently work in schools located along the banks of the Môa and Azul rivers. The objective is to understand how the life trajectories of these women contributed to the consolidation of education in territories marked by geographic isolation, limited access to public policies, and the sociocultural specificities of the Amazon region. The research is grounded in a qualitative approach, with descriptive explanatory objectives and field study procedures. Eight teachers participated in the study, four retired and four currently working. Data were produced through questionnaires and semi structured interviews, analyzed using Content Analysis according to Laurence Bardin's (2016) perspective. The results show that female teaching practice in riverside communities goes beyond the classroom, involving social mediation, the strengthening of community bonds, and engagement in both formal and non formal educational processes. The narratives reveal challenges related to teacher training, working conditions, and mobility in Amazonian territories, but they also highlight strategies of resistance, belonging, and commitment to education. It is concluded that riverside women teachers play a central role in the historical

construction of schooling and in promoting access to education, establishing themselves as protagonists of educational processes and social transformation in the communities where they work.

Keywords: women teachers; riverside education; memories; female protagonism; Acrean Amazon.

HISTÓRIAS DE MULHERES, HISTÓRIAS DE LA ESCUELA: memorias y experiencias docentes en comunidades ribereñas

Resumen

Este artículo analiza el protagonismo femenino en la constitución de la educación escolar en comunidades ribereñas del municipio de Mâncio Lima, en el estado de Acre, a partir de las memorias y experiencias de maestras que actuaron o actúan en escuelas ubicadas a orillas de los ríos Môa y Azul. El objetivo es comprender cómo las trayectorias de vida de estas mujeres contribuyeron a la consolidación de la enseñanza en territorios marcados por el aislamiento geográfico, las limitaciones de acceso a políticas públicas y las especificidades socioculturales amazónicas. La investigación se fundamenta en un enfoque cualitativo, con objetivos descriptivo explicativos y procedimientos de estudio de campo. Participaron ocho maestras, cuatro jubiladas y cuatro en ejercicio. La producción de los datos se realizó mediante cuestionarios y entrevistas semiestructuradas, analizados a la luz del Análisis de Contenido según la perspectiva de Laurence Bardin (2016). Los resultados evidencian que la docencia femenina en las comunidades ribereñas trasciende los límites del aula, involucrando prácticas de mediación social, fortalecimiento de vínculos comunitarios y participación en procesos educativos formales y no formales. Las narrativas revelan desafíos relacionados con la formación docente, las condiciones de trabajo y la movilidad en los territorios amazónicos, pero también destacan estrategias de resistencia, pertenencia y compromiso con la educación. Se concluye que las maestras ribereñas desempeñan un papel central en la construcción histórica de la escuela y en la promoción del acceso a la educación, constituyéndose como protagonistas de procesos educativos y de transformación social en las comunidades donde actúan.

Palabras clave: mujeres docentes; educación ribereña; memorias; protagonismo femenino; Amazonía acreana.

INTRODUÇÃO

As discussões acerca da presença das mulheres na educação brasileira têm evidenciado a relevância do trabalho docente feminino na constituição dos sistemas de ensino e na ampliação do acesso à escolarização em diferentes contextos sociais e territoriais. Embora a feminização do magistério tenha sido amplamente abordada pela historiografia da educação, como enuncia Dantas (2010), ainda persistem lacunas relacionadas às experiências de mulheres que atuam em espaços marcados por condições geográficas singulares, como as comunidades ribeirinhas da Amazônia. Nesses territórios, a docência é atravessada por múltiplos marcadores sociais, envolvendo questões de gênero, territorialidade, ruralidade e desigualdades de acesso às políticas educacionais.

No contexto amazônico, particularmente nas comunidades ribeirinhas, a escola assume um papel estratégico na garantia do direito à educação e na organização da vida coletiva. Em muitos casos, as professoras constituem-se como protagonistas dos processos educativos e das dinâmicas comunitárias, desempenhando funções que extrapolam os limites da atividade pedagógica. Além do ensino formal, participam da mediação de conflitos, da mobilização social, da interlocução com órgãos públicos, da promoção de calendários culturais, religiosos e políticos e da construção de vínculos entre escola e comunidade. Tal realidade demonstra a necessidade de compreender a

docência feminina a partir de uma perspectiva interseccional¹, considerando as relações entre gênero, território e condições socioculturais específicas.

A posição de protagonismo de mulheres professoras que atuam e residem nas comunidades ribeirinhas do extremo norte do Brasil, narrada sob a ótica da interseccionalidade (Crenshaw, 2004, 2012) mobilizou o presente estudo, que se realizou no município de Mâncio Lima, cidade situada no extremo oeste do estado do Acre. O município tem a maior parte do seu território em linha de fronteira com o Peru, sendo o mais distante da capital, Rio Branco, a cerca de 700 quilômetros. Sua população, em 2020, estava estimada em 20.479 habitantes, segundo o IBGE² (Brasil, 2026). O município é banhado pelos rios Môa e Azul. O primeiro, mais importante, nasce na Cordilheira dos Andes, no leste do Peru, e percorre a região até desaguar no rio Juruá. O rio Azul, por sua vez, é um afluente do rio Môa e é utilizado para pesca, transporte em pequenas embarcações e abastecimento das famílias que vivem às margens, sustentando comunidades tradicionais que dependem da pesca e da agricultura. Os dois rios acima mencionados constituem o *lôcus* desta pesquisa, cuja escolha decorreu de sua relevância para a compreensão da constituição histórica da educação ribeirinha na região, bem como da atuação expressiva de mulheres professoras na consolidação dos processos de escolarização nessas comunidades.

Nessas localidades, historicamente marcadas pelo isolamento geográfico e pelas limitações de infraestrutura, a presença da escola esteve diretamente associada ao trabalho de mulheres que assumiram a responsabilidade pela organização e pela manutenção das atividades educativas. Suas trajetórias revelam experiências de deslocamentos por longas distâncias fluviais; permanência em áreas de difícil acesso; enfrentamento de condições precárias de trabalho; e construção cotidiana de estratégias para assegurar o desenvolvimento do ensino e das demais atribuições a elas delegadas, em razão do conhecimento do qual dispõem e que serve a diferentes esferas da vida comunitária.

Apesar da importância dessas experiências para a história da educação amazônica, as contribuições das professoras ribeirinhas permanecem pouco visibilizadas nos estudos educacionais. Durante longo período, as narrativas históricas privilegiaram personagens masculinos e processos institucionais, relegando a segundo plano a participação das mulheres na construção da escola e na consolidação dos sistemas de ensino. Tal invisibilidade torna-se ainda mais evidente quando se trata de mulheres que atuam em territórios rurais e ribeirinhos, marcados por diferentes formas de desigualdade social e territorial, e por definidores identitários muito particulares.

Diante desse cenário, o presente artigo busca responder ao seguinte problema de pesquisa: como as trajetórias de vida e as experiências docentes de professoras ribeirinhas contribuíram para a consolidação da educação escolar e para a organização social nas comunidades dos rios Môa e Azul, em Mâncio Lima/AC? Para responder a essa questão, o estudo tem como objetivo compreender como as memórias e experiências docentes dessas mulheres contribuíram para a consolidação do ensino e para a organização de territórios marcados pelo isolamento geográfico, pelas limitações de acesso às políticas públicas e pelas especificidades socioculturais amazônicas.

A relevância desta pesquisa reside na ampliação das reflexões sobre mulheres, docência e interseccionalidades em territórios amazônicos. Ao trazer para o centro do debate as vozes de professoras que atuaram e/ou atuam em comunidades de difícil acesso, o estudo contribui para a compreensão das múltiplas dimensões do trabalho docente feminino e para o reconhecimento do

¹ A perspectiva interseccional, formulada por Kimberlé Crenshaw (2004, 2012), mostra como diferentes formas de opressão – como racismo, sexismo e classismo – não atuam isoladamente, mas se cruzam e criam experiências únicas de discriminação. É uma ferramenta analítica essencial para compreender desigualdades complexas e propor políticas mais inclusivas.

² Dado constante em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ac/mancio-lima.html>

papel dessas mulheres na produção de práticas educativas, na formação de sujeitos e na transformação das realidades locais. Desse modo, busca-se colaborar com os estudos sobre educação das águas, das matas e da floresta, evidenciando que a história da escola ribeirinha também é, em grande parte, instituída por mulheres, seus saberes e suas formas de resistência.

MEMÓRIAS DE MULHERES DOCENTES SOBRE EDUCAÇÃO ÀS MARGENS DOS RIOS

A presença feminina na docência constitui um dos fenômenos mais significativos da história da educação brasileira. A partir do final do século XIX e, sobretudo, ao longo do século XX, o magistério consolidou-se como uma das principais profissões ocupadas por mulheres, processo que a literatura especializada denomina feminização do magistério, conforme mostra o trabalho de Dantas (2010). Tal fenômeno não representou apenas uma ampliação da participação feminina no mundo do trabalho, mas também a construção de representações sociais que associaram o exercício da docência a características consideradas tradicionalmente femininas, como cuidado, dedicação, sensibilidade e vocação.

Conforme observa Almeida (1998), a expansão da escolarização primária esteve diretamente relacionada à incorporação das mulheres ao trabalho docente. Nesse contexto, o magistério passou a ser socialmente compreendido como uma extensão das atribuições femininas exercidas no ambiente doméstico, especialmente aquelas vinculadas à educação e ao cuidado das crianças. Tal compreensão contribuiu para legitimar a presença das mulheres na escola, mas também reforçou estereótipos de gênero que historicamente impactaram a valorização profissional das docentes.

Nas comunidades rurais e ribeirinhas, essa presença feminina adquire características particulares. Em muitos casos, as professoras assumem funções que extrapolam o espaço escolar, tornando-se referências para a comunidade e participando ativamente da organização da vida social local. Desse modo, suas trajetórias revelam não apenas experiências profissionais, mas também processos de construção de identidades, de pertencimento e de formas de atuação social que contribuem para a consolidação da educação e para a organização comunitária em territórios historicamente marcados pela exclusão e pela invisibilidade.

O conceito de interseccionalidade, desenvolvido por Crenshaw (2004, 2012), contribui para compreender que as desigualdades não atuam de forma isolada, mas se entrelaçam, produzindo condições particulares de exclusão ou privilégio. No campo educacional, essa abordagem permite analisar a docência feminina para além das relações de gênero, considerando também as condições materiais e territoriais em que o trabalho docente é realizado.

Nas comunidades ribeirinhas amazônicas, as professoras vivenciam desafios que decorrem simultaneamente de sua condição de mulheres, trabalhadoras da educação, moradoras e atuantes em territórios de difícil acesso. As distâncias percorridas nos longos trechos dos rios, as limitações de infraestrutura, as dificuldades de acesso à formação inicial e continuada e a escassez de recursos de orientações/acompanhamento pedagógicos constituem elementos que atravessam suas experiências profissionais e pessoais.

Sob essa perspectiva, compreender a docência feminina em contextos ribeirinhos implica reconhecer que o trabalho educativo não ocorre em condições homogêneas. Ao contrário, esse trabalho é desenvolvido em cenários marcados por especificidades culturais, geográficas e sociais que exigem das professoras a construção permanente de estratégias de adaptação, resistência e reinvenção da prática pedagógica.

As populações ribeirinhas desenvolveram, historicamente, modos específicos de viver, de produzir conhecimentos e de estabelecer relações com o ambiente. Nesse contexto, a escola assume papel fundamental na mediação entre os saberes locais e os conhecimentos sistematizados socialmente. Entretanto, as instituições escolares presentes nessas localidades enfrentam desafios relacionados ao isolamento geográfico, à precariedade da infraestrutura e às dificuldades de permanência dos profissionais da educação, o que provoca permanente estranhamento entre o poder público e as comunidades para as quais os professores são designados (Lima, 2012).

Para Hage (2014), pensar a educação na Amazônia requer considerar a diversidade sociocultural existente na região e reconhecer os sujeitos amazônicos como produtores de conhecimentos e experiências. Essa compreensão desloca o olhar de perspectivas homogêneas sobre a educação e valoriza os processos educativos construídos a partir das realidades locais.

Nesse cenário, as professoras ribeirinhas ocupam posição estratégica na consolidação da escolarização e na organização social das comunidades. Sua atuação frequentemente ultrapassa as atribuições formais do magistério, pois envolve atividades de orientação às famílias, mobilização comunitária, acompanhamento de estudantes e articulação entre escola e comunidade.

No campo educacional, as narrativas de vida têm sido amplamente utilizadas como estratégia de investigação das trajetórias profissionais de professores. Para Nóvoa (1995), compreender a docência implica considerar também os percursos formativos, as experiências pessoais e os contextos socioculturais que participam da constituição da identidade docente. Nessa mesma direção, Josso (2004) destaca que as histórias de vida possibilitam identificar processos de formação construídos ao longo da existência, evidenciando aprendizagens que extrapolam os espaços institucionais. Ao privilegiar as memórias e experiências de professoras ribeirinhas, este estudo busca reconhecer essas mulheres como sujeitos históricos e produtoras de saberes.

CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Este estudo insere-se no campo das pesquisas qualitativas em educação, nas quais os fenômenos educativos são analisados por meio de experiências, significados, relações sociais e processos históricos que não podem ser reduzidos a dados quantitativos. A abordagem qualitativa busca compreender os sentidos atribuídos pelas pessoas às suas vivências e interpretar os processos sociais a partir das narrativas produzidas pelos participantes da pesquisa.

Participaram da pesquisa oito professoras que atuaram ou atuam em escolas ribeirinhas do município de Mâncio Lima/AC. O grupo foi composto por quatro docentes aposentadas e quatro docentes em exercício, selecionadas em função do tempo de atuação nas comunidades investigadas e de sua contribuição para o desenvolvimento da história da educação local. Tais professoras pertencem a gerações diferentes, sendo quatro delas aposentadas, e quatro em plena atividade pedagógica e cultural³. A opção por incluir professoras de diferentes gerações e experiências variadas – tanto em relação ao tempo de atuação quanto ao lastro de seus fazeres pedagógicos, sociais e culturais – possibilitou identificar permanências, mudanças e desafios vivenciados ao longo do processo de consolidação do ensino nas localidades estudadas.

³ Quanto à idade das professoras, o questionário aplicado demonstra que 35% das docentes entrevistadas têm entre 20 e 40 anos de idade; 35% têm entre 40 e 60 anos de idade e 30% têm 60 anos ou mais. As oito professoras se autodeclararam pardas, e suas famílias têm como principal fonte de renda a agricultura, atividade que envolve homens e mulheres da floresta. Tais professoras começaram a lecionar ainda muito cedo, sem formação superior. O vácuo na formação começou a ser superado com os programas especiais de formação de professores, desenvolvidos por meio de parcerias entre os entes federados e as instituições oficiais de ensino superior, e implantados a partir do ano de 2001.

Segundo Costa (2023), o sistema de educação no município de Mâncio Lima/AC foi fundado em 1989, com a criação da Secretaria Municipal de Educação (SEMEC), por meio da qual se instauraram condições para uma atuação paralela à educação oferecida pela Secretaria Estadual de Educação, cujo núcleo fora instalado no município mesmo antes da autonomia política, que se deu no ano de 1977. A partir da criação da SEMEC, foram sendo implantadas escolas urbanas e rurais, formando-se assim o quadro de docentes. O volume de escolas ganhou maior importância a partir do ano de 2012, quando a prefeitura municipal promoveu um concurso público, preenchendo vagas efetivas nas escolas. Portanto, foi a partir desse ano que uma parte das professoras entrevistadas se efetivou em seus cargos, embora algumas já estivessem atuando provisoriamente há mais tempo.

A produção dos dados ocorreu mediante a utilização de dois instrumentos complementares. O primeiro consistiu em um questionário socioeconômico, aplicado com a finalidade de caracterizar o perfil das participantes, contemplando aspectos relacionados à formação acadêmica, ao tempo de atuação profissional, à condição socioeconômica e ao vínculo com as comunidades ribeirinhas. O segundo instrumento correspondeu à realização de entrevistas semiestruturadas, que permitiram às participantes narrar suas trajetórias de vida, experiências docentes, desafios profissionais e percepções acerca do papel desempenhado pelas mulheres na construção da educação escolar nas comunidades investigadas.

O processo de análise dos dados foi realizado com base na análise de conteúdo, conforme os pressupostos teórico-metodológicos propostos por Bardin (2016) e Franco (2018). Inicialmente, procedeu-se à organização e à transcrição integral das entrevistas, seguida de leituras sucessivas do material empírico, buscando identificar regularidades, recorrências temáticas e núcleos de sentido presentes nas narrativas das participantes. Posteriormente, foram estabelecidas categorias analíticas que possibilitaram a interpretação dos dados em diálogo com o referencial teórico adotado.

Desse processo, emergiram três categorias centrais de análise: formação inicial; afetividade na docência e imersão na cultura ribeirinha; docência no contexto amazônico acreano. Neste trabalho, por questões de espaço, apresentamos as duas primeiras das três categorias elencadas. Tais categorias permitiram compreender as múltiplas dimensões da atuação das professoras ribeirinhas, evidenciando aspectos relacionados aos percursos formativos, às relações construídas com as comunidades e aos desafios enfrentados no exercício da docência em territórios marcados pelo isolamento geográfico e pelas especificidades socioculturais amazônicas.

A pesquisa observou os princípios éticos que orientam os estudos com seres humanos, assegurando às participantes o direito à livre participação, ao sigilo das informações e à preservação de suas identidades, e foi aprovada pelo parecer do Comitê de Ética da UFAC, exarado sob o número 5970.067, de 28 de março de 2023. As narrativas produzidas pelas professoras constituem, assim, não apenas fontes para a compreensão da história da educação ribeirinha, mas também registros de experiências que evidenciam o protagonismo feminino na construção e consolidação na escola nas comunidades dos rios Môa e Azul.

CATEGORIAS DE ANÁLISE

Formação inicial de professores

As narrativas das professoras participantes atêm-se aos seus percursos formativos e profissionais, marcados por desafios decorrentes das condições sociais e geográficas características das comunidades ribeirinhas amazônicas. As memórias das docentes revelam trajetórias construídas em contextos nos quais a continuidade dos estudos exigia esforços individuais e familiares significativos. A escassez de instituições formadoras próximas às comunidades e as longas distâncias percorridas para frequentar cursos de formação constituíram obstáculos recorrentes em suas experiências. Ainda assim, as participantes demonstraram forte compromisso com a qualificação profissional, compreendendo a formação como elemento fundamental para o exercício da docência e para a melhoria das condições educacionais das comunidades onde atuavam/atuam. Ficam perceptíveis, na fala de cada uma delas, as privações e renúncias que tiveram que fazer para concluir seu processo de formação inicial. O orgulho e a satisfação em cursar a educação superior ficam evidentes na fala de Jasmim⁴:

A formação sempre é um sonho, e especialmente para quem vive em comunidades de difícil acesso como eu. Então procurei aproveitar o máximo. As aulas foram satisfatórias, didáticas e permitiram que eu adquirisse os conhecimentos necessários. Sempre gostei do meu curso. Minha escolha foi norteada por uma predisposição para trabalhar com a área. Gostei das disciplinas de psicologia da educação, literatura infanto-juvenil, literatura, língua portuguesa, dentre outras. Foi um novo mundo para mim, tantas descobertas, coisas que vou levar para a vida toda. Mas foi também um desafio, pois conciliar estudo e trabalho, ainda em comunidades de difícil acesso, tornou tudo mais difícil (Jasmim, 2022).

O ingresso na profissão esteve associado a diferentes motivações. Em algumas narrativas, a docência aparece como oportunidade de ascensão social e inserção profissional para mulheres residentes em áreas rurais e ribeirinhas. Em outras, emerge como resultado de vínculos afetivos construídos com a escola desde a infância ou da influência exercida por familiares e antigos professores. Também se destacam relatos que demonstram o desejo de contribuir para o desenvolvimento educacional das comunidades, ampliando as possibilidades de acesso ao conhecimento para as novas gerações. A fala de Hortência nos mostra toda a carga emocional que sua trajetória carrega:

Foi muito difícil, eu vou até me emocionar. Devido à carência, eu não tinha condições financeiras de estudar, eu tinha que vir lá da Serra do Môa, passar o período de férias aqui em Mâncio Lima, que era o mês de janeiro, fevereiro e março, e as aulas aconteciam por tempo integral. Eu saía de casa cinco horas da manhã, pegava o ônibus e ia pra Ufac em Cruzeiro do Sul. Tinha época que a Ufac tinha outros alunos, de outros cursos, aí nós tínhamos que ir para outros espaços (Hortência, 2022).

Essas experiências sinalizam que a escolha pela docência não pode ser compreendida apenas como decisão individual, mas como processo socialmente construído, atravessado por condições históricas, culturais e territoriais específicas. As trajetórias das professoras revelam percursos marcados pela persistência e pela busca de formação em contextos que frequentemente impunham limites à permanência nos estudos e à profissionalização feminina. Sob a ótica do

⁴ Os pseudônimos atribuídos às participantes da pesquisa resultam de um acordo entre os pesquisadores e as professoras. A definição dos nomes de flores considerou a ampla variedade de espécies que povoam as margens dos rios, quintais, campos e floresta. Quando instadas a decidir entre nomes de flores ou outras possibilidades que garantissem o anonimato, houve unanimidade entre as participantes pela escolha de flores de sua preferência.

conceito de interseccionalidade, as diferentes dimensões das desigualdades, como classe social, raça, gênero, território, entre outras, entrecruzam-se e produzem experiências específicas de opressão ou exclusão. Nas narrativas colhidas, percebe-se que as dificuldades de acesso à educação não se dão apenas pela distância física, mas pela falta de recursos para sustentar os estudos. Isso mostra como a desigualdade econômica limita oportunidades.

Outro elemento refere-se às barreiras geográficas, especificamente no deslocamento da Serra do Môa até Cruzeiro do Sul/AC, demonstrando que estudar exige não apenas esforço intelectual, mas também físico e logístico: acordar às cinco da manhã, enfrentar longos trajetos e depender de transporte público. A estrutura de funcionamento dos cursos, que se organizam como aulas em tempo integral e, em alguns momentos, em espaços improvisados, revela como a infraestrutura educacional também impacta de forma desigual os estudantes. Isso reforça a ideia de que não basta “ter acesso” à universidade; é preciso considerar as condições materiais para a manutenção desse acesso. Por fim, menciona-se a dimensão emocional e subjetiva que perpassa os relatos, mostrando o impacto psicossocial de viver essas intersecções. A emoção não é apenas fruto da conquista, mas também da lembrança das barreiras enfrentadas. A interseccionalidade ajuda a entender que essas barreiras não são isoladas, mas acumuladas. Assim, pela ótica de Crenshaw (2004, 2012), as falas revelam como classe, território e acesso institucional se entrecruzam para produzir uma experiência singular. Não é apenas pobreza, nem apenas distância, nem apenas falta de estrutura: é a combinação desses fatores que molda a trajetória das professoras.

A fala da professora Rosa Amélia nos possibilita vislumbrar toda a aridez do processo pelo qual teve que passar para, finalmente, formar-se na universidade.

Foi muito prolongado, foram quatro anos! Muito, muito sofrido. Eu vinha lá da comunidade, passava aqui uma época na casa, né, daqui a gente pegava o ônibus para a Ufac, era o dia todinho. Saía 6 horas da manhã, chegava às 19 horas. Quando terminava a aula, tinha 3 meses de curso em Cruzeiro do Sul. Vinha de lá para passar 3 meses em Cruzeiro do Sul, fazendo curso, né? Para eu aprender melhor, para poder ensinar os alunos. Eu não tinha barco, não tinha motor e precisava de alguém para vir me deixar. Quando eu terminava, passava mensagem para meu esposo ir me pegar em Cruzeiro do Sul⁵, era assim! (Rosa Amélia, 2022).

Os relatos colhidos nas entrevistas podem ser mais bem compreendidos à luz dos conceitos de classe e de decolonialidade, evidenciando camadas distintas de desigualdade e resistência que se entrelaçam na experiência das narradoras. A noção de classe se revela nas condições materiais narradas – ausência de barco, motor, necessidade de depender do transporte escolar precário, jornadas extenuantes. A pobreza não é apenas uma limitação econômica, mas um fator que estrutura o acesso à educação, impondo sacrifícios físicos e emocionais. Aqui, a classe se manifesta como barreira estrutural à experiência de estudo, exigindo esforço desproporcional em comparação com estudantes urbanos com mais recursos.

Por outro lado, os relatos evidenciam como a lógica colonial ainda estrutura o acesso ao conhecimento. A universidade, localizada em um polo urbano, exige que pessoas periféricas e ribeirinhas se adaptem a um modelo pensado para quem já está próximo do poder e dos recursos. Por isso, a necessidade de deslocamento constante, a falta de infraestrutura e a invisibilização das condições amazônicas mostram como o sistema educacional reproduz hierarquias coloniais, privilegiando o centro e marginalizando as periferias. Apesar das dificuldades narradas, deve-se destacar que a resistência das narradoras, ao insistirem em estudar para levar esse conhecimento de

⁵ Mensagens radiofônicas foram, por muito tempo, o meio mais importante de comunicação entre a cidade e as comunidades de difícil acesso. Assim, “passar mensagem” significa emitir notícias pelo rádio.

volta às comunidades, é um gesto decolonial prático: elas se apropriam do saber acadêmico para fortalecer saberes locais e a educação comunitária, rompendo com a lógica de exclusão.

Afetividade na docência e imersão na cultura ribeirinha

Nas localidades investigadas, a escola constitui um espaço central de convivência social. Nesse contexto, as professoras desenvolvem relações de proximidade com estudantes e famílias, acompanhando não apenas os processos de aprendizagem, mas também aspectos relacionados ao cotidiano das comunidades. As experiências relatadas demonstram que o trabalho docente está articulado às dinâmicas sociais locais, exigindo sensibilidade para compreender as especificidades culturais e os modos de vida no interior da floresta. Essa imersão favoreceu a construção de práticas pedagógicas conectadas às realidades locais. Os saberes relacionados aos rios, à floresta, ao extrativismo, à pesca e às tradições comunitárias passaram a integrar os processos educativos, estabelecendo aproximações entre os conhecimentos escolares e as experiências vividas. Dessa forma, a atuação docente contribuiu para o fortalecimento dos vínculos entre escola e comunidade.

Para as participantes, o exercício da docência em comunidades ribeirinhas amazônicas é marcado por desafios que extrapolam as exigências pedagógicas da profissão. As professoras narram experiências construídas por laços de confiança, respeito e pertencimento, fundamentais para o desenvolvimento das atividades educativas. A afetividade emerge, assim, como dimensão constitutiva da prática docente. Em muitos casos, a convivência cotidiana possibilitou o conhecimento aprofundado das histórias familiares, das dificuldades enfrentadas pelos estudantes e das estratégias comunitárias de organização social.

Entre os principais desafios relatados, destacam-se as dificuldades de deslocamento entre as comunidades e os centros urbanos, a precariedade dos meios de transporte, as grandes distâncias percorridas pelos rios e as condições climáticas que frequentemente interferem na rotina escolar. Tais fatores repercutem não apenas no acesso à escola, mas também na participação em atividades formativas, reuniões pedagógicas e ações promovidas pelos sistemas de ensino. Nesse contexto, a professora Rosa Vermelha, ao relatar sua escolha pela docência na área ribeirinha, elucida que isso se deu sobretudo pela necessidade de ensinar “as letras” para as crianças de suas localidades. Assim discorre:

Senti que tinha muitas crianças que precisavam, né? Aprender o pouco que eu já sabia, até os meus filhos mesmo, né? Na comunidade. Porque não tinha o professor nessa época lá, né? Aí eu fiquei feliz, quando o rapaz me chamou, né? Eu senti aquele desejo de ensinar as crianças, para elas aprenderem um pouco, né? Porque a gente sabe que na comunidade é tudo muito difícil. (Rosa Vermelha, 2022).

As professoras também mencionam limitações relacionadas à infraestrutura escolar, à disponibilidade de materiais didáticos e às condições de funcionamento das instituições educativas. Em muitos momentos, a atuação profissional exigiu criatividade e capacidade de adaptação para garantir a continuidade das atividades pedagógicas diante das dificuldades encontradas.

Entretanto, as narrativas não se restringem aos desafios enfrentados. Os relatos demonstram igualmente estratégias de resistência construídas ao longo da experiência docente. A permanência na profissão, o compromisso com a aprendizagem dos estudantes e o envolvimento com as demandas das comunidades retratam a capacidade dessas mulheres de enfrentar adversidades e produzir alternativas para assegurar o direito à educação.

Eu escolhi ser professora não pela fama, ou porque vou ganhar muito dinheiro. Eu sempre gostei, eu ajudava minha tia, fui pegando amor pela educação. Eu achava que ser professora era tudo. Eu tinha outro sonho, mas quando abriu essa porta para mim, eu me achei. Tenho alunos que passaram por mim pelo processo de alfabetização e hoje são professores. Eu me sinto orgulhosa porque lá tem meu dedo. [...] Eu tinha um pouco de experiência pela minha tia, né? Que ela dava aula e eu estudava com ela. Aí quando eu terminei a quarta série e não tinha como eu vim para a cidade, aí eu ficava sempre indo para escola assim mesmo; mesmo sem me matricular para ficar ajudando-a. E ela me tinha assim como se fosse uma ajudante de sala. Foi ela que me incentivou a entrar na docência (Rosa do Deserto, 2022).

A perspectiva interseccional possibilita compreender que as experiências dessas mulheres não se restringem à condição de gênero. Suas trajetórias também são atravessadas por aspectos relacionados à origem social, ao pertencimento territorial e às condições históricas de acesso à educação e ao trabalho. Dessa forma, o protagonismo feminino identificado nas narrativas não representa apenas uma experiência individual de superação, mas expressa processos coletivos de resistência e construção de oportunidades educativas em contextos marcados por múltiplas desigualdades.

Ao assumirem a docência em comunidades frequentemente invisibilizadas pelas políticas públicas, essas mulheres contribuíram para ampliar o acesso à escolarização e para fortalecer a presença da escola em territórios historicamente marginalizados. Suas histórias indicam formas de atuação que desafiam visões reducionistas sobre o trabalho docente, mostrando a potência das experiências femininas na produção de transformações sociais. A fixação de Rosa Vermelha na comunidade exigiu dela desdobramentos e articulações para que encontrasse moradia e amparo comunitário que garantissem sua permanência. Assim diz a professora aposentada sobre seus primeiros anos de atuação nos antigos seringais do rio Môa:

Ser professora em uma comunidade ribeirinha é muito difícil, porque executamos todas as funções de que uma escola precisa: temos que exercer a função de pai, mãe, professora, servente e merendeira, tudo porque a gente trabalha só com os alunos, né? Secretária, né, a gente que faz tudo. [...] No primeiro momento eu fiquei numa casinha que era até um galinheiro, dois dias antes a gente foi para lá fazer aquela limpeza, mas não foi aquela limpeza suficiente para ficar tudo organizado, aí quando a gente estava na sala com as crianças as galinhas ciscavam, cai aqueles ovos e fazia aquela sujeira. A gente ia limpar, eu que limpava, né? Para continuar a aula novamente. Passei dois anos nesse espaço que era um galinheiro e tornou-se uma sala de aula (Rosa Vermelha, 2022).

Assim, as memórias das professoras ribeirinhas permitem reconhecer que a construção da escola nas comunidades investigadas resultou de um processo coletivo, no qual as mulheres desempenharam papel decisivo. Ao articularem ensino, cuidado, liderança comunitária e compromisso social, elas produziram práticas educativas que contribuíram para a formação de gerações de estudantes e para a consolidação da educação nas margens dos rios amazônicos. Nessa perspectiva, suas trajetórias constituem importantes testemunhos da presença feminina na história da educação brasileira e reafirmam a necessidade de ampliar a visibilidade de mulheres cujas experiências permanecem, em grande medida, à margem das narrativas educacionais hegemônicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou compreender como as trajetórias de vida e as experiências docentes de professoras ribeirinhas contribuíram para a consolidação da educação escolar em comunidades localizadas às margens dos rios Môa e Azul, no município de Mâncio Lima/AC. Ao privilegiar as memórias e narrativas dessas mulheres, a pesquisa possibilitou evidenciar dimensões da história da educação amazônica frequentemente ausentes nos registros oficiais e nas interpretações tradicionais sobre os processos de escolarização em contextos rurais e ribeirinhos.

Os resultados revelaram que a atuação das professoras investigadas foi decisiva para a construção e a permanência da escola nas comunidades estudadas. Suas trajetórias foram marcadas por desafios relacionados às condições de acesso à formação, às limitações estruturais das instituições escolares, às dificuldades de deslocamentos, rio acima e rio abaixo, e às especificidades do trabalho docente em territórios atravessados pelo isolamento geográfico. Entretanto, as narrativas deixam evidentes os processos de resistência, de compromisso profissional e de forte identificação com as comunidades nas quais desenvolveram/desenvolvem suas práticas educativas.

Ao dialogar com a temática “Mulheres, docência e interseccionalidades”, proposta pela Revista *Teias*, o estudo contribui para o entendimento de que as trajetórias dessas professoras são atravessadas por múltiplos marcadores sociais. A experiência de ser mulher, docente e atuante em comunidades ribeirinhas amazônicas revela a articulação entre gênero, territorialidade e condições históricas de acesso à educação. A perspectiva interseccional permitiu compreender que o protagonismo feminino identificado na pesquisa não se constitui apenas como resultado de iniciativas individuais, mas como expressão de processos coletivos de enfrentamento das desigualdades sociais e territoriais que historicamente caracterizam a região amazônica.

Por fim, considera-se que novas investigações podem aprofundar a análise das experiências de mulheres docentes em outros territórios amazônicos, incorporando marcadores como geração, raça, etnia e pertencimento comunitário. Também se sugerem outros estudos que examinem as transformações ocorridas na docência ribeirinha diante das mudanças nas políticas educacionais, das novas tecnologias de comunicação e dos processos contemporâneos de reorganização dos espaços rurais amazônicos. Tais perspectivas poderão ampliar a compreensão das relações entre mulheres, docência e interseccionalidades, fortalecendo a produção de conhecimentos comprometidos com a valorização das experiências femininas na história da educação brasileira.

Assim, conclui-se que as histórias das professoras ribeirinhas de Mâncio Lima/AC são, simultaneamente, histórias da escola, da comunidade e da própria educação amazônica. Ao trazer suas memórias para o centro da análise, este estudo reafirma a importância de reconhecer o protagonismo feminino na construção de trajetórias educativas e na produção de transformações sociais nas margens dos rios da Amazônia acreana.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Mâncio Lima (AC)*. Rio de Janeiro: IBGE, 2026. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ac/mancio-lima.html>. Acesso em: 9 jul. 2026.

COSTA, Vilma Dias da. *A constituição do sistema público de ensino no município de Mâncio Lima/Acre*. 2023. 177 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens, Universidade Federal do Acre, Cruzeiro do Sul, 2023. Disponível em: <https://www.ufac.br/ppehl/producoes/dissertacoes/50DissertaoVilmaDiasdaCosta.pdf>. Acesso em 15 jul. 2026.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: VV.AA. *Cruzamento: raça e gênero*. Brasília, DF: UNIFEM, 2004. p. 7-16. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>. Acesso em: 30 maio 2026.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPNjZ397j8fSBQQ/?lang=pt>. Acesso em: 20 maio 2026.

DANTAS, Lely Sandra Correia. *O fazer docente: representações sociais de alunos do curso de Pedagogia da UFRN – Campus Central*. 2010. 216 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstreams/7efadf4b-50b4-488f-800b-f2a9df111802/download>. Acesso em: 15 jul. 2026.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Análise de conteúdo*. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2018.

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. Transgressão do paradigma da (multi)seriação como referência para a construção da escola pública do campo. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 35, n. 129, p. 1165-1182, out./dez. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302014144531>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/wRdr8Zb3jCBdnLYD3sFrWCn/?lang=pt>. Acesso em: 15 jul. 2026.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

LIMA, Maria Aldecy Rodrigues de. *Formação e vivências: a representação social do ser professor em comunidades ribeirinhas do Vale do Juruá – Acre*. 2012. 203 f. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/items/b0975d10-0ded-4fb0-a40d-a436866f05e3>. Acesso em 15 jul. 2026.

NÓVOA, António (org.). *Profissão professor*. Porto: Porto Editora, 1995.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/download/71721/40667/>. Acesso em: 15 jul. 2026.

Submetido em 10 de junho de 2026
Aprovado em 13 de julho de 2026

Informações sobre as autoras

Maria Aldecy Rodrigues de Lima
Universidade Federal do Acre - Campus Floresta
E-mail: aldecy.czs@ufac.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1187-7783>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8470380326040678>

Cleidson de Jesus Rocha
Universidade Federal do Acre - Campus Floresta
E-mail: cleidson.ufac@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1245-0434>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8732336683063093>

Mariozan Nunes Ferreira
Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens - UFAC
E-mail: mariozan.ferreira@sou.ufac.br
ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6665-1546>
Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6260427056041351>